



Um relato de resistência no Sertão Alagoano: a (re)organização espacial da Etnia koiupanká na Aldeia Roçado em Inhapi/AL

A report of resistance in the Alagoas Sertão: the spatial (re) organization of the Koiupanká ethnic group in Aldeia Roçado in Inhapi/AL

Magda Campos de Lima⁽¹⁾; João Pedro Avelino dos Santos⁽²⁾;
Regilma dos Santos da Silva⁽³⁾

⁽¹⁾Mestranda em Geografia pela universidade Federal de Alagoas. E-mail: magdajulia@hotmail.com,

⁽²⁾Mestrando em Geografia pela universidade Federal de Alagoas, integrante do grupo de pesquisa GEPAT, bolsista do programa de iniciação científica - PIBIC. E-mail: pedroavelino42@gmail.com;

⁽³⁾Graduanda em Geografia pela universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. E-mail: regilmasantos13@gmail.com.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 14 de maio de 2019; Aceito em: 21 de março de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: Os indígenas nordestinos possuem em seu contexto etnográfico a luta pela herança territorial e pela autoafirmação de sua identidade etno-cultural enquanto povos nativos. No entanto, é importante ressaltar que o cenário histórico dos povos indígenas, sobretudo do Sertão Alagoano, também é marcado pelas constantes diásporas em busca de reorganização de sua aldeia, em virtude das incessantes repressões, desde o período colonial. O objetivo do trabalho é externar as dificuldades e ações de resistência da etnia alagoana Koiupanká, salientando as lutas pelo território e pela concretude de sua autoafirmação etno-cultural. Realizou-se uma aula de campo e um levantamento bibliográfico, para melhor entendimento do assunto. Debruçamo-nos teoricamente nas discussões sobre o tema em Vieira (2010; 2017), Amorim (2010), Boas (2004), Cunha (2009) bem como realizamos uma visita técnica à comunidade indígena. Com base nas informações coletadas, buscou-se destacar as atividades e manifestações culturais na Aldeia Roçado, relatar sobre a luta territorial de resistência da etnia Koiupanká e elucidar suas dificuldades e conquistas. Os Koiupanká tiveram o reconhecimento étnico, mas mesmo assim não foi suficiente para conseguir a demarcação das terras. A Escola Estadual Indígena Anselmo Bispo de Souza é uma das formas de resistência, por meio do ensino-aprendizagem, da instrução e compartilhamento de saberes, tanto culturais quanto saberes externos da sociedade não indígena. A referida escola desempenha um papel fundamental na comunidade de preservação da memória dos seus ancestrais e na formação dos alunos para que sejam participantes da transformação da sua comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas; Identidade; Território;

ABSTRACT: Northeastern Indians have in their ethnographic context the struggle for territorial inheritance and the self-assertion of their ethno-cultural identity as native peoples. However, it is important to emphasize that the historical scenario of indigenous peoples, especially in the Sertão Alagoano, is also marked by the constant diasporas in search of reorganization of their village, due to the relentless repression since the colonial period. The objective of this work is to express the difficulties and resistance actions of the Alagoan Koiupanká ethnic group, highlighting the struggles for the territory and the concreteness of its ethno-cultural self-assertion. A bibliographic survey was carried out to better understand the subject. We focus theoretically on the discussions on Vieira (2010, 2017), Amorim (2010), Boas (2004), Cunha (2009) as well as a technical visit to the indigenous community. Based on the information collected, it was sought to highlight the activities and cultural manifestations in Aldeia Roçado, to report on the territorial resistance struggle of the Koiupanká ethnic group and to elucidate their difficulties and achievements. The Koiupanká had ethnic recognition but even so, it was not enough to get the land demarcation. The Anselmo Bispo de Souza Indigenous State School is one of the forms of resistance, through teaching and learning, instruction and sharing of knowledge, both cultural and external knowledge of non-indigenous society. The school plays a fundamental role in the community, preserving the memory of its ancestors and training students to participate in the transformation of their community.

KEYWORDS: Indigenous people; Identity; Territory.

INTRODUÇÃO

Historicamente os indígenas nordestinos possuem em seu contexto etnográfico, a luta pela herança territorial e pela autoafirmação de sua identidade etno-cultural enquanto povos nativos. No entanto, é importante ressaltar que o cenário histórico dos povos indígenas, sobretudo do Sertão Alagoano, também é marcado pelas constantes diásporas em busca de reorganização de sua aldeia em virtude das incessantes repressões desde o período colonial. De acordo com Vieira (2017, p.284), as etnias indígenas alagoanas:

Carregam na memória histórica a perseguição e o confinamento dos antigos aldeamentos missionários, acompanhados de resistência e negociação. Agregados em pequenas glebas e submetidos ao convívio com etnias de diferentes estruturas sociais, sofreram com conflitos interétnicos, divisão do aldeamento em lotes e, como consequência, a dispersão e o êxodo de grupos familiares no século XIX.

Essas populações indígenas eram confinadas e, compulsoriamente, submetidas a compactuar com diferentes costumes e culturas, nos distintos segmentos (sociais, econômicos, políticos, religiosos), em outras palavras, eram destituídas, pior, eram forçadamente expulsas de suas terras e apartadas de suas tradições, resultando no deslocamento desses povos para outras regiões em busca de novos espaços. Segundo Amorim (2010), começou-se a ter uma “preocupação” com os povos indígenas a partir de 1910, com a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Ainda segundo o autor, esse serviço “protecionista”, inicialmente, não contemplava os indígenas do Nordeste justamente por serem considerados mestiços e/ou integrados, e por não se adequarem ao modelo de “purismo” associado ao índio amazonense.

Tal injustiça ensejou a marginalização desses grupos indígenas, que acabaram aglomerando-se nas periferias rurais do Sertão e do Agreste, e, mesmo com todas as dificuldades e precárias condições sociais, financeiras e de trabalho, adquiriram relativos “direitos” do SPI que administrou as ações até 1960 e, posteriormente, esses povos passaram a ser tutelados pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), no ano de 1967. Cumprindo diversas políticas “integracionistas” do Estado, com o intuito de agregar, os indígenas à sociedade brasileira. Segundo Vieira (2010), o principal interesse dessas ações integracionistas era justamente a ocupação das terras e a utilização da mão-de-

obra indígena, pois o governo acreditava que dessa forma haveria a possibilidade de integração do índio aos costumes e valores da sociedade brasileira.

Porém, é a partir da Constituição de 1988, que a resistência dos povos indígenas ganha força, quando a visão antropológica muda à concepção do fenótipo indígena associada aos índios da Amazônia, a qual era disseminada como verídica e genuína em todo território nacional. E estabelece que “índio é todo aquele que se auto-reconhece e é também reconhecido por seus semelhantes” (AMORIM, 2010, Op. Cit. p. 27). Diante do exposto, o objetivo do trabalho é externar as dificuldades e ações de resistência da etnia alagoana Koiupanká, em uma de suas aldeias, salientando as lutas pelo território e pela concretude de sua autoafirmação etnocultural como povos indígenas do Sertão.

Uma das formas de resistência da etnia Koiupanká na Aldeia Roçado na Serra do Cruzeiro na cidade de Inhapi-Alagoas é a Escola Estadual Indígena Anselmo Bispo de Souza, a comunidade enfrenta alguns problemas, como por exemplo, a falta de um prédio escolar que comporte o quantitativo de alunos existente na comunidade é uma das necessidades que a aldeia a anos busca suprir junto aos órgãos responsáveis que tem feitos promessas de construir. A demarcação das terras indígenas é uma luta que a muitos anos esses povos tentam conquistar, esse território é o sinal da afirmação indígena e a preservação de suas raízes.

MATERIAIS E MÉTODOS

Essa pesquisa de campo buscou descrever as práticas culturais da etnia Koiupanká e atividades pedagógicas desenvolvidas pela Escola Estadual Indígena Anselmo Bispo de Souza na Aldeia Roçado no município de Inhapi em Alagoas. As técnicas usadas foram os dados primários, obtidos a partir da observação etnográfica através da coleta de dados: fotos que revelaram algumas imagens da escola e da aldeia; os relatos de membros da aldeia das experiências vividas pelo seu povo possibilitou respostas para as inquietações; a fonte secundária é a pesquisa bibliográfica em que ocorreu com a leitura de livros relacionados com o tema.

Para a viabilização do trabalho realizou-se um levantamento bibliográfico a fim de melhor entendimento do assunto. Debruçamo-nos teoricamente nas discussões sobre o tema em Vieira (2010; 2017), Amorim (2010), Boas (2004), Cunha (2009) bem como a

realizamos de uma visita técnica à comunidade indígena. No dia 31 de agosto de 2018 fizemos uma visita à Aldeia Roçado na Serra do Cruzeiro na cidade de Inhapi, fomos recebidos pelos indígenas da etnia Koiupanká. A recepção na instituição de ensino foi realizada pelos jovens indígenas encarregados de nos apresentar a história de seu povo, as dificuldades que enfrentam diariamente ao resistirem às pressões externas de invasores ao território indígena.

Os indígenas mais experientes revelaram que sempre estão reivindicando junto aos órgãos governamentais pelo reconhecimento do território indígena e sua demarcação, nisso as dificuldades não impediram que a escola indígena fosse criada. A maioria dos projetos desenvolvidos dentro da Aldeia Roçado está ligada a formação educacional das crianças e jovens indígenas a união da comunidade e escola tem sido frutífera.

Durante a visita foi possível constatar o empenho do corpo docente da escola indígena ao nos relatar o cronograma de atividades realizadas durante o ano, como também foi feito uma demonstração de algumas atividades realizadas como os jogos indígenas, a culinária, as danças, a exposição de fotos da moda indígena.

O trabalho de campo favoreceu a análise e observação sobre a organização espacial do povo Koiupanká, suas práticas e atividades, assim como estreitou o contato e facilitou o diálogo com pessoas da comunidade, os indígenas nos relataram informações importantes acerca dos desafios enfrentados para se manterem em suas terras. Com base nas informações coletadas, buscou-se destacar as atividades e manifestações culturais na Aldeia Roçado, relatar sobre a luta territorial de resistência da etnia Koiupanká e elucidar dificuldades e conquistas com escola.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Sertão alagoano encontram-se distribuídas cinco etnias indígenas (Geripankó, Kalankó, Karuazu, Katokinn e Kouipanká), originárias do tronco étnico Pankararu, do aldeamento Brejo dos Padres, em Pernambuco. Vieira (2010, p.14) salienta ainda que:

No século XIX, muitas famílias pankararu migraram em busca de novas terras para trabalhar e reproduzir-se culturalmente, em busca de trabalho ou juntando-se a outros parentes em vários estados do país, a exemplo São Paulo, Bahia, Minas Gerais e Alagoas.

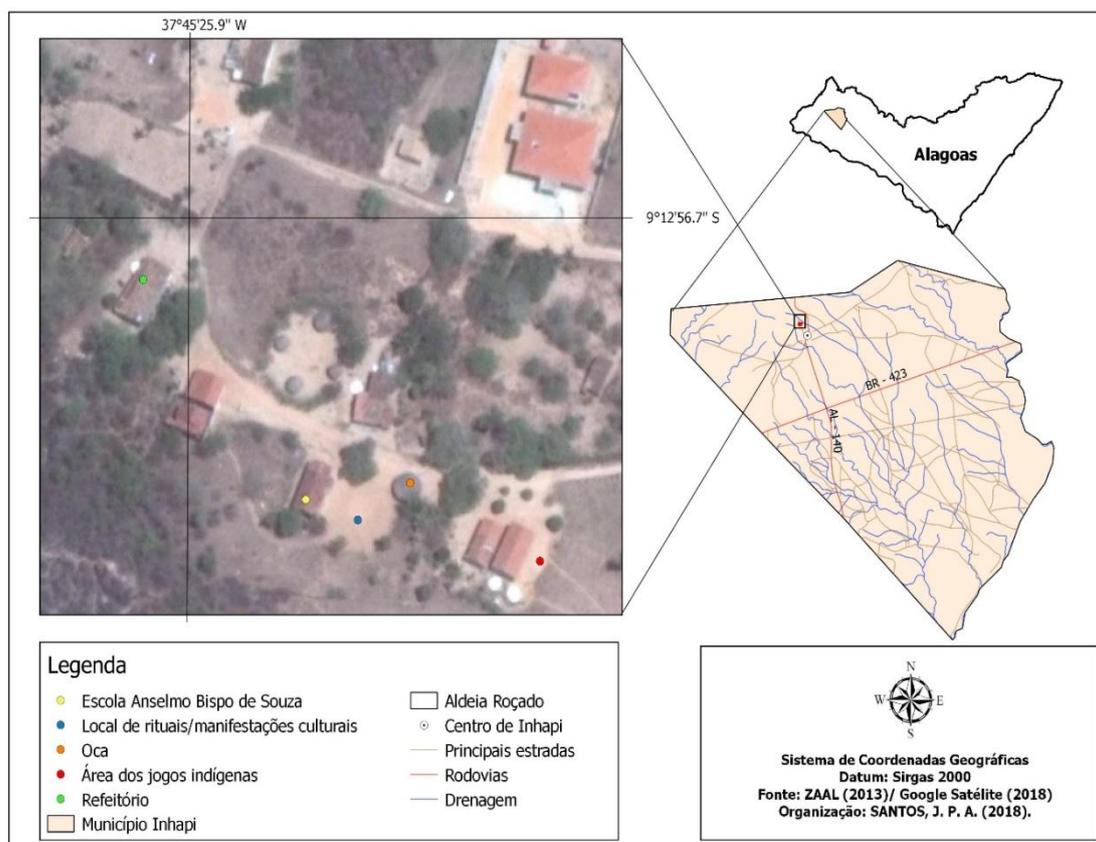
Em decorrência das repulsivas investidas escravagistas no processo de colonização, a invasão das suas terras e a perda dos territórios, por conta dos conflitos aumentou a fome dos indígenas, uma vez que foram impedidos de continuarem com a caça e com o plantio. Essas populações indígenas foram forçadas a migrarem para a região sertaneja de Alagoas em busca de novos espaços para reorganizar sua aldeia, dentre as quais destacaremos as famílias Kouipanká, que viram no município de Inhapi um lugar adequado a sua nova morada. Nessas novas terras já existiam famílias não indígenas que viviam da agricultura e pecuária, os indígenas na busca pela sobrevivência passaram a plantar e caçar, as terras não tinham cercas eram delimitadas com as árvores.

Essa divisão sem a comprovação documental não obtém reconhecimento legal, possibilitando que invasores tomassem parte das terras ocupadas pelos Kouipanká. A trajetória desse povo é marcada pela forte repressão dos coronéis, que se apossaram do território e usando os indígenas como mão de obra para trabalhar nas fazendas e usinas de cana de açúcar.

Atualmente, o povo Kouipanká habita o município de Inhapi – AL, localizado na Mesorregião do Sertão alagoano, à aproximadamente 270 km de Maceió. A etnia Kouipanká é formada por cerca de 177 famílias, com cerca de 700 pessoas entre crianças, jovens e adultos, organizada em três comunidades denominadas Baixa do Galo, Baixa Fresca e Aldeia Roçada localizada na serra do Cruzeiro, está última encontra-se nas coordenadas 9°12'56.7" ao Sul e 37°45'25.9" a Oeste, nas proximidades dos municípios de Mata Grande, Água Branca, Canapi e Delmiro Gouveia, sendo que outras famílias vivem em serras e áreas periféricas.

O ato de resistência indígena denominado por estudiosos como “a festa do ressurgimento” (VIEIRA, 2010-2017; AMORIM 2010), que ocorreu no período entre 1998 a 2003. Foi o período de ascensão das etnias do Sertão alagoano, sendo que o povo Kouipanká que reapareceu em 2001 e escolheu a Aldeia Roçado para ser o centro das reuniões e decisões políticas.

Figura 1. Mapa de Localização da Aldeia Roçado, Inhapi-AL.



Organização: SANTOS, J. P. A (2018).

As terras indígenas dos Koiupanká não são demarcadas, a falta dos documentos as deixa vulneráveis, pois não tem a garantia das terras, compete a União fazer a demarcação, mas isso ainda não ocorreu, contrariando a Constituição Federal de 1988 que, no Art. 231, preconize, que são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

A lei no Art. 232 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) prevê que os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo. Baseado na Constituição 1988, os indígenas conseguiram que antropólogos fizessem estudos comprovando suas origens em 2003 na cidade de Olinda em Pernambuco onde tiveram o reconhecimento étnico. A mais importante batalha vivida

pelos Koiupanká é conseguir a demarcação das terras, pois é dela que tiram seu sustento, como também mantém seus costumes e crenças.

Existe a dificuldade de serem reconhecidos como indígenas por conta de seus traços físicos, os livros descrevem a fisionomia do índio como se ainda estivesse no passado. Conforme analisa Boas (2004, p.69):

Seria um empreendimento temerário determinar a localidade na qual a pessoa nasceu unicamente a partir de suas características corporais. Em muitos casos, podemos ser auxiliados em tal propósito por maneiras de arrumar o cabelo, maneirismo e pela indumentária, mas esses traços não devem ser tomados de forma equivocada como essencialmente hereditários.

Ou seja, seria imprudente e arriscado através de características físicas, afirmar a localidade de origem de uma pessoa. “É evidente que, a não ser em casos de completo isolamento geográfico, não existe população alguma que se reproduza biologicamente sem miscigenação com os grupos com os quais está em contato” (CUNHA, 2009, p.249). O índio do presente passou por profundas mudanças não é mais aquele estereótipo com determinada característica de cabelo liso, preto, corpo sem vestes, a miscigenação do índio com outros povos tornou o índio com um perfil diversificado.

A vida na aldeia indígena é semelhante a comunidades pobres do semiárido alagoano não indígena, tem suas precariedades, enfrentam a pobreza, a falta de água e a irregular distribuição pluviométrica. Os benefícios sociais e previdenciários do governo contribuem para a sua sobrevivência, conta também com energia elétrica o que permite estar conectado com os serviços oferecidos pela tecnologia. As pessoas que vivem nas comunidades indígenas sofrem vários preconceitos, as crianças são as que mais passaram por esses transtornos, quando estudavam na escola da cidade e iam com alunos não indígenas no transporte escolar.

A priori, observou-se que o espaço que abrange a estrutura territorial da aldeia está organizada em uma mesma área sendo usada para as manifestações culturais e as atividades religiosas; os jogos indígenas e as atividades escolares de educação física. A Escola Estadual Indígena Anselmo Bispo de Souza e algumas residências cedidas por pessoas da comunidade, foram adaptadas para atender a vida educacional dos indígenas, além de atender outras necessidades da população indígena. Nesses espaços são estabelecidas as dinâmicas organizacionais da aldeia, movidas por dificuldades,

contratempos e, principalmente, vivem a resistência com muito trabalho e empenho que garante algumas conquistas para a comunidade.

Entre os anos de 2005 e 2006 conquistaram a assistência de saúde, algo bom e, ao mesmo tempo, preocupante. Mesmo com a resistência às adversidades os indígenas estão vulneráveis a contrair doenças de invasores, a assistência à saúde pelo Polo Base foi uma conquista que a comunidade obteve. No entanto, se torna algo preocupante quando o povo começa a esquecer da “medicina” e os costumes tradicionais. Cunha (2009, p.251) cita sobre as várias interferências nas culturas tradicionais que:

A resistência indígena a interferência manifestou-se no apego a alguns traços culturais que, enfatizados preservam a identidade do grupo. Esse é um processo recorrente na afirmação étnica: a seleção de alguns símbolos que garantem, diante das perdas culturais, a continuidade e a singularidade do grupo. Assim, quase todas as comunidades indígenas do Nordeste preservam o ritual do *ouricuri* ou *tore* - a que ninguém, a não ser os índios, tem acesso enquanto abandonaram muitas outras tradições.

Mesmo a cultura indígena sofrendo diversas interferências os rituais são uma forma de resistência, as atividades religiosas e manifestações culturais são muito importantes para os koiupanká, que por meio da cosmovisão, assumem a identidade cosmológica “o dono do terreiro” (VIEIRA, 2010), mais conhecido como *encantado*, sendo que os praiá são os indígenas purificados e aptos para receberem a manifestação do *encantado*. Ainda segundo o autor, dentre os rituais destacam-se, por exemplo, o ritual da cura, as danças do *toré* e do *praiá* e a Queimada do Murici essas práticas fortalecem a identidade étnica e espiritual do povo Koiupanká.

Os Koiupankás se organizam em uma área onde expressam sua cultura o espaço é utilizado para diversas atividades, inclusive pelos professores da escola para práticas de educação física. No palco da Arena Towê mesmo com todas as dificuldades e precariedade de investimentos realizam-se os jogos indígenas, um espaço de festa e celebração onde as etnias sertanejas buscam a integração e valorização de suas culturas e saberes, através de modalidades indígenas como cabo de força, corrida de cesto, arco e flecha, zarabatana, arremesso de peteca e estilingue, entre outros.

Segundo os professores da Escola Estadual Indígena Anselmo Bispo de Souza, os jogos surgiram a partir das práticas pedagógicas usadas na escola, de acordo com os mesmos, os jogos são uma forma de resgatar as crenças e culturas dos seus ancestrais e transmitir para as novas gerações. Essa escola, talvez seja uma das formas mais pacíficas

de resistência, por meio do ensino-aprendizagem, da instrução e compartilhamento de saberes, tanto culturais quanto saberes externos, da sociedade não indígena.

Figura 2. Escola Estadual Indígena Anselmo Bispo de Souza



Fonte: LIMA, M.C (2018).

O fato é que essa escola indígena possui uma simbólica e valiosa atuação no processo de (re)organização espacial da comunidade, pois permite aos Koiupanká a capacidade de se reorganizar, adaptar e superar as adversidades. A escola funciona em salas improvisadas, dentro da comunidade, não possui um prédio, e essa é uma das principais lutas perante o Estado, pois, atualmente a mesma recebe diariamente cerca de 212 alunos nos três turnos desde o ensino fundamental até o ensino médio.

Os espaços reduzidos das casas não se adequavam ao quantitativo de alunos, dificultando a aprendizagem, em virtude disso, as aulas acontecem também em um salão comunitário, no passado as aulas ocorriam em terreno aberto, embaixo de árvores e ocas. “No caso da educação, a aplicação da política educacional nas comunidades Koiupanká iniciou-se oficialmente em 2006. As salas de aulas, antes localizadas em ocas e palhoças passaram a ser situadas em casas adaptadas” (MAIA, VIEIRA, 2011, p.126). A escola

funciona de forma improvisada nos cômodos das casas de pessoas da própria comunidade.

Para além das dificuldades, a Escola Estadual Indígena desempenha um papel fantástico na comunidade, o currículo elenca disciplinas das escolas regulares e inclui educação indígena, voltada às questões culturais e tradições do povo Kouipanká. Contudo, há um embate nessa questão, que é justamente a contratação de professores qualificados para lecionarem sobre história e identificação do povo Koiupanká. O quadro de professores não é totalmente indígena, algumas disciplinas não têm professores indígenas para atuar na área, todos os professores possuem formação superior.

A existência da tribo Koiupanká, na Serra do Cruzeiro, no município de Inhapi, requer demandas por parte do governo de Alagoas, a principal é a escola indígena. Existe um projeto que está no papel para a construção do prédio a fim de ampliar a oferta do ensino infantil ao médio. A comunidade indígena procurou o Ministério Público que deu um prazo de seis meses para a construção da escola. A falta de suporte do Estado com a educação indígena não está somente na construção do prédio, mas também se faz necessário haver o concurso público para a efetivação de professores indígenas que atuem nessa escola, como é previsto em lei.

Nisso, Vieira (2010, p. 21) comenta que:

A presença dos povos em Alagoas põe novas demandas políticas e acadêmicas até então ignoradas. O processo de etnogênese das populações indígenas remete ao Estado brasileiro construir novas bases de relacionamento com o diferente. E, cabe à academia tarefa de compreender o processo civilizatório, a construção da resistência e a formação do imaginário identitário indígena.

O preconceito e a discriminação ainda persistem, e os estudantes Koiupanká têm sofrido silenciosamente, isso é um reflexo de uma sociedade que critica e ofende o que é diferente a seus olhos. No entanto, algo que renova as esperanças e é motivo de orgulho daquele povo são jovens dessa comunidade que ingressarão na Universidade para cursar uma graduação. Posteriormente, esses jovens indígenas ao retornar a Aldeia poderão fazer sua contribuição, assim como tiveram instrução dos indígenas mais velhos que deram prosseguimento aos ensinamentos, adquiridos com seus ancestrais.

A inserção de matérias como *identificação*, que trabalha as crenças, os costumes e tradições indígenas, se une a uma proposta pedagógica única, elaborada pelos professores. Há execução de projetos que visam a interdisciplinaridade no formato de aula de campo, tendo como objetivo proporcionar um aprofundamento no conhecimento da geografia, história, artes, entre outras. (MAIA, VIEIRA, 2011, p. 128).

Os coordenadores da Escola Estadual Indígena Anselmo Bispo de Souza desenvolvem ainda diversas atividades e projetos pedagógicos que envolvem não somente a comunidade, mas alguns contemplam também os não-indígenas buscam trabalhar projetos que despertem a valorização étnica, preservação da natureza, como os projetos Caminho dos Antigos, Subida da Serra dos Grudes, Roda de história, Abril indígena, Ciclo do Ouricuri, além dos anuais Jogos indígenas. Essas atividades interdisciplinares ocorrem com o intuito de proporcionar aos alunos a compreensão da sua formação identitária, a criação da aldeia e a luta dos seus antepassados para manter a sobrevivência da etnia.

O nome da Escola Estadual Anselmo Bispo de Souza foi uma homenagem ao indígena que contribuiu para formação da aldeia Roçado da etnia Koiupanká, mesmo sem ter o prédio à escola, depois de 12 anos, conseguiu que cinco alunos do ensino médio fossem aprovados na Universidade Estadual de Alagoas. Mesmo com a pouca importância do Estado dada a essa escola, que somente recorrendo ao Ministério Público para reivindicar o direito a educação indígena e a valorização dos profissionais da educação que atuam na escola. Assim, a comunidade escolar anseia pela construção do prédio escolar que será uma grande conquista para a aldeia, como também ter uma maior integração na sociedade, vivendo sua cultura e preservando sua etnia.

CONCLUSÕES

A comunidade indígena Kouipanká, assim como as demais etnias do Sertão alagoano, trazem em seu contexto histórico as marcas do processo colonizador, porém, maior que as dificuldades enfrentadas ao longo de anos, é a capacidade de resiliência e firmeza na resistência para lutar por suas terras e construção do território. A luta incessante dos povos indígenas para além da garantia dos direitos, também ocorre a fim de preservar suas culturas, costumes e tradições, principalmente para assumir sua identidade etno-cultural na sociedade brasileira.

A aldeia Roçado, centro das reuniões e decisões políticas, mesmo com todas as dificuldades estruturais e falta de investimentos governamentais, consegue organizar um espaço movido pela esperança de dias melhores, através da incessante luta dos Koiupanká para manter a história de um povo. A Escola Estadual Indígena Anselmo Bispo de Souza, desempenha um papel fundamental na comunidade, de preservação da memória dos seus ancestrais e a formação dos alunos para que sejam participantes na transformação da sua comunidade.

REFERÊNCIAS

1. AMORIM, S. S. de. **Os kalankó, karuazu, koiupanká e katokinn: resistência e ressurgência indígena no alto sertão alagoano.** Dissertação de Mestrado – Porto Alegre, 2010. 431p.
2. BRASIL. **Constituição (1988).** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
3. BOAS, Fraz, 1858-1942. *Antropologia cultural/* Fraz Boas; tradução Celso Castro- Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
4. CUNHA, Manuela Carneiro Da. *Cultura com aspas e outros ensaios/*Manuela Carneiro da Cunha. São Paulo:Cossac Naify, 2009.440 p.
5. MAIA, João Daniel Batista; VIEIRA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo Impresso em Alagoas e a Diversidade Cultural Monoculturismo eurocêntrico e a etnogênese Koiupanká.** IN: ALMEIDA, Luiz Sávio de.; SILVA, Amaro Hélio Leite da; FERREIRA, Gilberto Geraldo. **Índios de Alagoas: memória, educação, sociedade.** Maceió, AL: EDUFAL, 2011. 140 p. (Índios do Nordeste: temas e problemas; v. 12).
6. VIEIRA, J. L. G. **Povos do sertão de Alagoas: confinamento, diáspora e reterritorialização.** Revista: *Fórum Identidades.* Vol. 8/Ano 4 – Itabaiana: GEPIADDE, jul-dez de 2010. 19p.
7. VIEIRA, J. L. G. **Canal do sertão: sobreposição sobre territórios indígenas efeitos socioeconômicos sobre o povo karuazu.** Revista: *Abya Yala.* Vol. 1/N. 001 – Brasília, 2017. 16 p.